



- Logout
- Assine a Folha
- Atendimento
- Acervo Folha

PUBLICIDADE

Folha Digital por apenas **R\$ 1,90** no primeiro mês. Assine já.

DOMINGO, 1º DE OUTUBRO DE 2017 11:31

Opinião	Poder	Mundo	Economia	Cotidiano	Esporte	Cultura	F5	Sobre Tudo	21°C SÃO PAULO
---------	-------	-------	----------	-----------	---------	---------	----	------------	----------------

Últimas notícias Livrari

Buscar... buscar

FOLHA DIGITAL *** Acesso ilimitado por apenas R\$1.90 no primeiro mês. ASSINE JÁ!

ilustríssima

clube de leitura folha revolução russa, 100 cartuns semanais

PUBLICIDADE

Desigualdade no Brasil é maior do que se pensava, apontam novos estudos

Marlene Bergamo - 28.jul.2015/Folhapress



Jovem que morava em favela no Morumbi e que hoje vive em conjunto habitacional no mesmo bairro

RICARDO BALTHAZAR

01/10/2017 02h00

Compartilhar 87 Mais opções

RESUMO Novos trabalhos acadêmicos lançam dúvidas sobre alcance das transformações sociais durante os anos petistas. Dados recentes sugerem que a desigualdade no Brasil é ainda maior do que se imaginava. Diferenças metodológicas explicam os resultados divergentes dos estudos e apontam a necessidade de mais pesquisas.

Em março do ano passado, quando a Polícia Federal levou o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) para depor sobre suas relações com empreiteiras investigadas pela Operação Lava Jato, o delegado que o interrogou quis saber como eram definidos os temas das palestras que ele começou a fazer para as construtoras no exterior após deixar o poder.

"No meu caso, é isso que me dá orgulho, o que mais as pessoas queriam saber é qual foi o milagre que aconteceu no Brasil", disse o petista. "Porque as

leia também

Brasil não cresce se não reduzir sua desigualdade, diz Thomas Piketty

Ainda faltam dados, mas ideia de que desigualdade caiu foi uma ilusão

Se pobre melhorou, não estou nem aí pro rico, diz Ricardo Paes de Barros

Edição impressa

notícia falsa



REPORTAGEM

Como funciona a engrenagem das notícias falsas no Brasil

ENSAIO FILOSÓFICO

E se o erro e a fabulação revelarem-se tão essenciais quanto a verdade?

na rede

IDEOLOGIA DA DESESPERANÇA

Trump, os nerds do 4chan e a nova direita dos Estados Unidos



MONETIZAÇÃO DA ATENÇÃO

Sereias digitais, vício em tecnologia e dicas para uso saudável da internet



A Elite do Atraso - Da Escravidão à Lava Jato

Livro analisa o pacto dos donos do poder para perpetuar uma sociedade cruel

De R\$ 44,90 Por R\$ 37,90

Comprar

PUBLICIDADE

... pessoas viram no mundo pela primeira vez o pessoal do degrau de baixo subir um degrau na vida e fortalecer aquilo que eu dizia. Pobre não é problema. Pobre é solução."

Em seguida, o ex-presidente explicou as vantagens da transferência de recursos para os mais carentes. "Empresta um bilhão para um rico, ele vai abrir uma conta para fazer especulação", afirmou. "Empreste R\$ 50 para um pobre que ele vai comprar pão, ele vai comprar um chinelo, ele vai comprar uma coisa que vai fazer o mercado funcionar no dia seguinte."

Para Lula, a redução da pobreza e a queda da desigualdade foram as principais realizações de seu governo e formam a essência do seu legado. Elas são também uma explicação para o forte apoio popular que o líder petista ainda encontra no Nordeste, além de um escudo que ele usa para se defender das acusações que enfrenta na Justiça e garantir um lugar na eleição presidencial do próximo ano.

Um número crescente de estudos acadêmicos, porém, tem **lançado dúvidas** sobre o alcance das transformações ocorridas no Brasil nos últimos anos. A onda revisionista ameaça enfraquecer o discurso eleitoral petista e abre caminho para rediscutir as estratégias adotadas até aqui para reduzir a pobreza e diminuir o fosso que separa ricos e pobres no país.

A contribuição mais recente para esse debate é o **trabalho** publicado no início de setembro pelo irlandês **Marc Morgan**. Estudante de doutorado da Escola de Economia de Paris, ele tem como orientador o economista francês **Thomas Piketty**, autor de "O Capital no Século 21", vasto painel sobre a evolução da desigualdade no mundo que se tornou sucesso de vendas há três anos.

NOVOS DADOS

Em busca de um retrato mais completo da situação no Brasil do que o exibido por levantamentos tradicionais, Morgan construiu uma nova base de dados sobre a renda nacional, juntando informações de pesquisas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) com outras extraídas pela Receita Federal das declarações do Imposto de Renda.

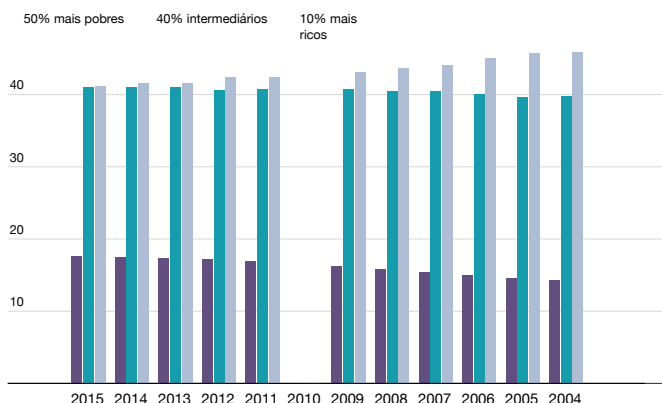
Uma análise restrita aos dados colhidos pelo IBGE com a Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) – o levantamento mais abrangente disponível sobre as condições de vida dos brasileiros – mostra que a fatia da renda nacional apropriada pelos 10% mais ricos encolheu de 46% para 41% nos últimos anos, enquanto a dos 50% mais pobres cresceu de 14% para 18% e o pedaço da classe média passou de 40% para 41%.

Mas os números de Morgan sugerem que a desigualdade no Brasil é muito maior do que se imaginava, com enorme concentração de renda no topo da pirâmide social. O grupo que representa os 10% mais ricos da população fica com mais da metade da renda nacional e viu sua fatia aumentar de 54% para 55% de 2001 a 2015, **diz o estudo**.

Os dados de Morgan indicam que o pedaço da renda apropriado pelos 50% mais pobres também cresceu nos últimos anos, indo de 11% para 12% do total. Um grupo que representa 40% da população ficou espremido no meio e viu sua fatia da renda encolher de 34% para 32%, segundo seus cálculos.

A PNAID

Mostra as parcelas da população possuem estas partes da riqueza total do país



Governo Lula (2003-2010) e Dilma (2011-2016)

A Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), um levantamento abrangente que o IBGE faz anualmente sobre as condições de vida das famílias brasileiras

*A Pnad não é realizada nos anos em que o IBGE faz o censo da população

Fontes: Ibrge

Confira mais infográficos da [Folha](#)

revolução russa



TV FOLHA

Em vídeo, atriz lê texto sobre papel da mulher no pós-Revolução Russa

Especial traz leituras de Marx, Lênin e Maiakóvski

PUBLICIDADE

envie sua notícia

Fotos Vídeos Relatos

PUBLICIDADE

Livraria do Folha **Mês das Crianças** Uma seleção especial para a garotada! Até 80%OFF

siga a folha

RECEBA NOSSA NEWSLETTER

Digite seu email...

enviar

EM ILUSTRÍSSIMA

+ LIDAS	+ COMENTADAS	+ ENVIADAS	ÚLTIMAS
1	Debate superficial ajudou a disseminar ilusões sobre queda da desigualdade		
2	Desigualdade no Brasil é maior do que se pensava, apontam novos estudos		
3	Se a renda do pobre cresceu, não estou nem aí para o rico, diz Paes de Barros		
4	Debate sobre ciência no Cebrap, livro de Maquiavel e mais 5 dicas culturais		
5	Livro relata luta de pesquisadores para mudar leis que travam ciência no país		

folhashop

Compare preços:



zuno Mizuno Synchr... à vista \$ 299,90



Miz

R

TIM

CMA Series 4

7Dias Grátis

O melhor sistema para investir na bolsa!



São Paulo Nas Alturas

Raul Juste Lores

De: R\$ 59,90

Por: R\$ 50,90

Comprar

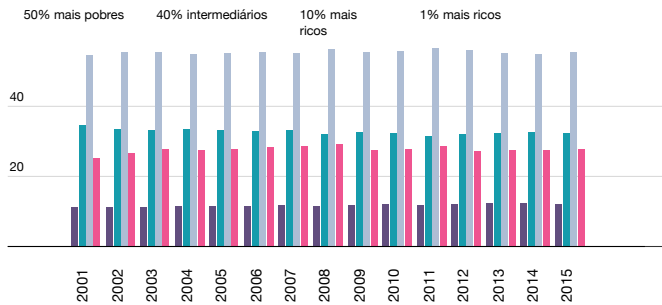


Homo Deus

Yuval Noah Harari

NOVOS ESTUDOS

Sugerem que a fatia dos mais ricos é muito maior, assim como a desigualdade no Brasil, que mudou pouco ao longo dos anos



Governo FHC (1995-2002), Lula (2003-2010) e Dilma (2011-2016)

O estudo de Morgan destaca que um grupo formado por cerca de 1,4 milhão de brasileiros, equivalente a **1% da população**, fica com 28% de toda a renda nacional

Os **10% mais ricos** da população ficam com mais da metade da renda nacional, uma fatia que se manteve quase intacta no período

Um grupo intermediário, correspondente a 40% da população, viu sua fatia da renda nacional encolher um pouco

Os 50% mais pobres viram sua fatia da renda nacional crescer um pouco, mas ficaram com apenas 12% do total em 2015

Uma nova base de dados construída pelo economista Marc Morgan com a Pnad, declarações do Imposto de Renda e estatísticas usadas pelo IBGE para calcular o PIB

Fontes: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), WID (Wealth & Income Database) e "Extreme and Persistent Inequality: New Evidence for Brazil Combining National Accounts, Surveys and Fiscal Data, 2001-2015"

Confira mais infográficos da [Folha](#)

Morgan reconhece que a desigualdade no mercado de trabalho diminuiu. Mas não é possível extrair dos seus números conclusões seguras sobre a evolução do quadro geral, porque as variações relativas no período analisado foram pequenas e a renda aumentou nos dois extremos da distribuição. Mesmo assim, o contraste com o diagnóstico apresentado por estudos anteriores é enorme.

"Perdemos a segurança que tínhamos para analisar o que está acontecendo com a distribuição da renda no Brasil", diz o economista Marcelo Medeiros, pesquisador do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e um dos primeiros a usar informações do Imposto de Renda para analisar a desigualdade no país. "Temos que lidar com um problema novo, a concentração extrema de capital no topo."

A distância entre os números da Pnad e as conclusões de Morgan é explicada pelas diferenças metodológicas. Ao incorporar à sua base de dados informações da Receita e outras estatísticas do IBGE, o economista irlandês contabilizou rendas que pesquisas domiciliares como a Pnad não conseguem captar. Como resultado, a fatia dos grupos **mais ricos** da população ficou maior.

CORREÇÃO DE FALHAS

O discípulo de [Piketty](#) foi mais longe do que autores de outros estudos que adotaram metodologia semelhante. Medeiros e outro pesquisador do Ipea, Pedro Ferreira de Souza, publicaram nos últimos anos vários [trabalhos](#) com resultados na mesma direção. Em sua [tese de doutorado](#), apresentada no ano passado ao Departamento de Sociologia da UnB (Universidade de Brasília), Souza calculou a fração da renda apropriada pelos brasileiros mais ricos desde 1926 e encontrou níveis de concentração semelhantes.

O economista irlandês, no entanto, incorporou dados usados no cálculo do PIB (Produto Interno Bruto) e outros que não haviam sido considerados por levantamentos anteriores, num esforço para corrigir falhas que prejudicam estudos sobre renda e desigualdade exclusivamente baseados em pesquisas domiciliares.

Se duas pessoas declaram a mesma renda aos entrevistadores do IBGE, não há diferença entre elas para a Pnad. Contudo, elas não podem ser tratadas como iguais se uma vive em casa própria e a outra paga aluguel para morar. A solução adotada por Morgan e outros pesquisadores é atribuir ao proprietário uma renda extra, equivalente ao valor da locação que ele não precisa desembolsar.

Outras escolhas do economista são controversas, na avaliação de especialistas. Lucros retidos pelas empresas e não distribuídos a seus acionistas, por exemplo, foram tratados por Morgan como renda e somados aos rendimentos recebidos por essas pessoas de outras fontes, como salários, juros e aluguéis.



De: R\$ 54,90
Por: R\$ 46,90
Comprar



Belchior
Jotabê Medeiros
De: R\$ 49,90
Por: R\$ 47,90
Comprar



Cinema Faroeste (Vol. 5) (DVD)
Robert Ryan
De: R\$ 79,90
Por: R\$ 69,90
Comprar



Chaplin - A Obra Completa - Edição Limitada (20 Discos) (DVD)
Vários
Por: R\$ 199,90
Comprar

Ocorre que muitos acionistas não têm controle sobre a distribuição dos lucros de suas empresas, especialmente em grandes corporações, e esse dinheiro em geral não fica disponível para que eles o usem quando quiserem.

Morgan argumenta que o procedimento permite enxergar com mais clareza a distribuição dos recursos econômicos entre os vários grupos da sociedade. Segundo seus cálculos, os lucros retidos pelas empresas representam 6% da renda nacional e cresceram 231% de 2000 a 2015. No mesmo período, o total de salários pagos pelos empregadores cresceu 74%, e os lucros distribuídos aos acionistas das empresas na forma de dividendos aumentaram 18%, diz Morgan.

Desigualdade social cai no Brasil em 2015

9 de 10

Ernesto Rodrigues/Folhapress



LIMITAÇÕES

Os motivos pelos quais pesquisas domiciliares como a Pnad são insuficientes para capturar a renda dos ricos são conhecidos pelos especialistas há muito tempo. Pesquisadores do IBGE dificilmente conseguem entrar nos condomínios em que os ricos moram. Os que são entrevistados em geral escondem informações, em vez de oferecer um retrato completo de suas finanças pessoais.

Problemas desse tipo, porém, também ocorrem com os mais pobres. Muitos não se lembram de rendimentos eventuais como o abono de férias, o seguro desemprego e a ajuda de familiares. Trabalhadores sem registro em carteira nem sempre informam a renda com precisão. A produção que pequenos agricultores usam para consumo próprio não é contabilizada como renda pela Pnad, assim como a alimentação oferecida pelos patrões a empregados domésticos.

"Boa parte da renda dos mais pobres é eventual e não aparece nas pesquisas", diz Sergio Firpo, professor do Insper. "Esse problema diminuiu com a formalização do mercado de trabalho nos últimos anos, mas pode estar voltando agora, porque a recessão empurrou muita gente de volta para a informalidade."

Em 2007, num trabalho minucioso produzido pelo Ipea, os economistas Ricardo Paes de Barros, Samir Cury e Gabriel Ulyssea compararam dados da Pnad com outras estatísticas produzidas pelo IBGE e concluíram que o grau de subestimação da renda nas pesquisas do instituto é maior entre os 10% mais pobres do que nos grupos em que se concentram os mais ricos.

As declarações do Imposto de Renda ajudam a preencher muitas lacunas, mas também apresentam problemas. Rodolfo Hoffmann, da USP (Universidade de São Paulo), observa que os rendimentos de aplicações financeiras informados pelos contribuintes incluem juros e correção monetária. Ou seja, parte do que é computado como renda é apenas reposição da inflação –uma "ilusão monetária", como ele diz.

Isso não significa que as conclusões de Morgan, Medeiros e outros economistas que incorporaram os dados da Receita estejam erradas. Mesmo pesquisadores que veem com maior ceticismo os novos estudos reconhecem que eles oferecem contribuições relevantes. As ressalvas, contudo, indicam que é preciso analisar com cuidado os dados antes de tirar conclusões.

No estudo para o Ipea em 2007, Paes de Barros e seus colegas fizeram vários testes para examinar o efeito que ajustes estatísticos teriam na medição da desigualdade. A conclusão foi que o impacto seria praticamente neutro, mesmo se várias rendas não declaradas por pobres e ricos fossem

incorporadas aos cálculos.

RICOS MUITO RICOS

De todo modo, os novos estudos não só confirmam que o Brasil é um dos países mais desiguais do mundo –o que pesquisas anteriores já indicavam–, mas também mostram que o grau de concentração de renda no andar de cima é maior do que em nações mais desenvolvidas, nas quais o poder econômico das elites também suscita preocupação.

Segundo os cálculos do discípulo de Piketty, o grupo correspondente ao estrato mais rico da população, representado por apenas 1% dos brasileiros, fica com 28% da renda nacional. Grupos equivalentes se apropriam de 20% da renda nos Estados Unidos e 11% na França. No Brasil, a renda média anual dos membros desse clube alcança valores equivalentes a R\$ 1 milhão, diz Morgan. Na França, ela é inferior a R\$ 925 mil.

O trabalho do economista irlandês, no entanto, não ajuda a entender como os ricos ficaram tão ricos no Brasil. Seriam necessários novos estudos para saber se essa riqueza foi acumulada com heranças, aplicações financeiras ou investimentos nos setores mais dinâmicos da economia –para ficar em apenas três hipóteses– e qual a contribuição de cada um desses fatores.

Não é tarefa simples. Um estudo recente que examinou a evolução da desigualdade no mercado de trabalho de 1995 a 2012 põe em xeque até algumas das explicações mais comuns para as melhorias observadas nos últimos anos, como o aumento da escolaridade da força de trabalho e a política de valorização do salário mínimo.

Produzido a seis mãos pelos economistas Francisco Ferreira, do Banco Mundial, Sergio Firpo, do Insper, e Julián Messina, do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), o [estudo](#) afirma que a contribuição da educação foi neutra. Com mais gente de nível médio e superior no mercado, a diferença salarial entre trabalhadores mais e menos qualificados de fato diminuiu. Mas o aumento dos níveis de escolaridade não foi homogêneo na força de trabalho, o que gerou efeito contrário, segundo eles.

O trio também concluiu que o impacto do aumento do salário mínimo deveria ser reconsiderado. Seus cálculos sugerem que ele contribuiu para reduzir a desigualdade em anos mais recentes, quando a economia cresceu aceleradamente e a formalização do mercado de trabalho aumentou, mas não em períodos de baixo crescimento, quando muitas empresas teriam preferido contratar sem registro em carteira e pagar menos.

Segundo o estudo, o fator que mais contribuiu para a queda da desigualdade da renda do trabalho nos últimos anos foi um fenômeno que os economistas identificaram ao analisar informações sobre idade e experiência dos trabalhadores ocupados. A experiência parece contar cada vez menos para a remuneração, o que tende a favorecer jovens recém-chegados ao mercado de trabalho, reduzindo a distância entre sua renda e a dos mais velhos.

"É uma questão que ainda precisamos estudar melhor", diz Francisco Ferreira. "É possível que isso esteja relacionado com o envelhecimento da população e a capacidade da força de trabalho de se adaptar a mudanças tecnológicas."

Também contribuíram para diminuir a desigualdade no mercado de trabalho nos últimos anos, segundo o estudo, reduções significativas observadas nas diferenças existentes nos rendimentos obtidos por homens e mulheres, brancos e negros, trabalhadores urbanos e rurais, com registro formal e sem carteira assinada.

GOVERNOS

Os novos estudos indicam que é um equívoco associar a [evolução da desigualdade](#) em determinado período a políticas do governo da época. "A qualidade da educação da maioria das pessoas que hoje estão no mercado de trabalho é resultado de políticas adotadas há várias décadas", observa Medeiros. "A maior parte dos investimentos nessa área foi feita por prefeitos e governadores, e não pelo governo federal."

Ao destacar a concentração de riqueza no topo da escala social, os estudos propõem também novas questões. Alguns pesquisadores temem consequências políticas, como o risco de captura do governo pelos interesses dos mais ricos. Outros se preocupam com efeitos econômicos, como a redução dos incentivos que as pessoas têm para empreender e explorar oportunidades de negócio.

Piketty e seus seguidores defendem mudanças que tornem os sistemas tributários dos países mais justos e eficientes, com aumento dos impostos cobrados sobre a renda e o patrimônio dos mais ricos. Outros especialistas, como o economista [Ricardo Paes de Barros](#), temem que essa discussão tire o foco da necessidade de aperfeiçoar políticas sociais e os gastos públicos em geral.

Souza, colega de Medeiros no Ipea, afirma: "É evidente que o combate à pobreza é importante, mas, se não queremos um país tão desigual, não tem como fazer isso sem tratar da concentração de renda no topo da sociedade".

Num [trabalho](#) recente em que usou dados da Pnad de 2015, Rodolfo Hoffmann calculou que o nível de desigualdade da renda no Brasil cairia 23% se todos pagassem Imposto de Renda de acordo com as alíquotas em vigor, sem deduções, e todo o dinheiro arrecadado fosse transferido para os pobres. Em outro exercício, a queda seria de 27% se fosse criada uma alíquota de 40% de IR para rendas superiores a R\$ 7.000 mensais.

Discussões sobre impostos são árduas no mundo inteiro, mas ainda mais em países como o Brasil, onde a carga tributária representa mais de um terço do PIB e já é bastante elevada para padrões internacionais.

"A obsessão com a extrema riqueza não pode nos deixar esquecer da pobreza, porque é isso que precisamos corrigir com as políticas públicas", diz Ferreira. "Talvez os recursos do governo aumentem se os ricos forem mais tributados, mas o problema será sempre como usar esse dinheiro."

RICARDO BALTHAZAR, 48, é repórter especial da **Folha**.

 Compartilhar
 



 < 87
 Mais opções

recomendado



Vivara lança coleção especial para comemorar seus 55 anos | Estúdio Folha



Notícias falsas ameaçam imprensa, diz reitor de jornalismo de...



Compre seu apartamento com 100% taxa zero
(Gafisa)



IR x Bitcoin: quanto você deve pagar
(Empiricus Research)



Rescisão de acordo da JBS não invalida provas, diz Dodge



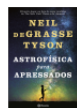
Moradores 'refugiados' retornam à Rocinha após final de...



Conheça o seguro de carro mais barato do Brasil
(Seguro Auto)



Nova cor de cabelo? Inspire-se em Grazi e outras estrelas
(Viva Linda com O Boticário)



Astrofísica Para Apressados

Neil Degrasse Tyson

De: R\$ 39,90

Por: R\$ 34,90

Comprar



A Compacta História das Guerras

A. A. Evans, David Gibbons

De: R\$ 44,90

Por: R\$ 38,90

Comprar

Jessé Souza destaca escravidão como pedra fundadora da sociedade brasileira

Em 365 perguntas, diário interativo incentiva autodescoberta

Clássicos de Jules Verne e Eça de Queirós ganham edição de bolso de luxo

Em livro, Brian Weiss fala sobre o poder de cura das memórias de vidas passadas

Sophie Kinsella satiriza onda de vidas perfeitas nas redes sociais

comentários

Caro leitor,

[Termos e condições](#)

a área de comentários é exclusiva para assinantes da **Folha**. Queremos que você continue conosco e o convidamos a assinar o jornal – os valores começam em apenas R\$ 1,90 no primeiro mês na versão digital.

Assine

PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

<p>FOLHA DE S. PAULO</p> <ul style="list-style-type: none"> Acervo Folha Sobre a Folha Expediente Fale com a Folha Feeds da Folha Folha Eventos E-mail Folha Ombudsman Atendimento ao Assinante ClubeFolha PubliFolha Banco de Dados Datafolha Folhapress Treinamento Trabalhe na Folha Publicidade Política de Privacidade <p>OPINIÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> Editoriais Blogs Colunistas Colunistas convidados Ex-colunistas Tendências/Debates 	<p>Logout</p> <p>Assine a Folha</p> <p>Atendimento</p> <p>Versão Impressa</p>	<p>PROJETO EDITORIAL</p> <ul style="list-style-type: none"> Princípios editoriais Conheça o Projeto Editorial In English Folha's Editorial Principles Read the Editorial Project En Español Principios Editoriales Lea el Proyecto Editorial en Français Principes Éditoriaux Lisez le Projet Éditorial <p>POLÍTICA</p> <ul style="list-style-type: none"> Poder Lava Jato <p>ECONOMIA</p> <ul style="list-style-type: none"> Mercado Folhainvest Indicadores MPME 	<p>PAINEL DO LEITOR</p> <ul style="list-style-type: none"> Painel do Leitor A Cidade é Sua Envie sua Notícia <p>COTIDIANO</p> <ul style="list-style-type: none"> Cotidiano Aedes aegypti Aeroporlos Educação Loterias Praias Ranking Universitário Revista sãopaulo Rio de Janeiro Simulados Trânsito <p>MUNDO</p> <ul style="list-style-type: none"> Mundo Governo Trump BBC Brasil Deutsche Welle Financial Times Folha Internacional Radio France Internationale The New York Times 	<p>ESPORTE</p> <ul style="list-style-type: none"> Esporte Basquete Seleção brasileira Surfe Tênis Turfe Velocidade Vôlei <p>CIÊNCIA</p> <ul style="list-style-type: none"> Ciência Ambiente <p>SAÚDE</p> <ul style="list-style-type: none"> Equilíbrio e Saúde <p>CULTURA</p> <ul style="list-style-type: none"> Ilustrada Cartuns Comida Melhor de sãopaulo Banco de receitas Guia Ilustríssima Serafina 	<p>TEC</p> <ul style="list-style-type: none"> Tec <p>F5</p> <ul style="list-style-type: none"> Bichos Celebidades Colunistas Fofices Televisão <p>+ SEÇÕES</p> <ul style="list-style-type: none"> Agência Lupa As Mais Dias Melhores Empreendedor Social Erramos Folhaleaks Folha en Español Folha in English Folha Tópicos Folha Transparência Folhinha Fotografia Horóscopo Infográficos piauí Turismo Minha História 	<p>ESPECIAIS</p> <ul style="list-style-type: none"> Tudo Sobre <p>TV FOLHA</p> <ul style="list-style-type: none"> TV Folha Ao Vivo <p>SOBRE TUDO</p> <ul style="list-style-type: none"> Rodas Morar Carreiras Classificados Loja Natural Vida prática <p>REDES SOCIAIS</p> <ul style="list-style-type: none"> Facebook Twitter Instagram LinkedIn
--	---	---	---	--	---	---

[ACESSE A VERSÃO PARA TABLETS E SMARTPHONES](#)

Copyright Folha de S.Paulo. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Folhapress (pesquisa@folhapress.com.br).